

Sangue, Fedor Triste: Tiros em Columbine, o documentário enquanto uma visão inicial

**Kleyton Rattes
Gonçalves**

Graduando do
Curso de Ciências
Sociais / UFMG

RESUMO: Esta resenha busca evocar o estado de indiferença com relação à morte e ao mundo autista da sociedade moderna, a partir da perspectiva do documentário, "Tiros em Columbine" de Michael Moore, enquanto uma visão inicial -- i.e., o documentário enquanto uma categoria do discurso que possibilita o pensar social em sua multiplicidade. Em um sentido mais metafórico, é o dizer sobre o sangue como o sentimento aporético do paradoxo ocidental. Na concretude múltipla e instigante do orbe social, conforme nos conta Theodor Adorno, uma "massa solitária", um "enturmar-se de pessoas frias", são realidades contemporâneas que necessitam de uma melhor compreensão. Neste bojo, até que ponto pode-se dizer que os torrenciais tiros em Columbine (EUA) representam essa realidade contemporânea?

Palavras-chave:

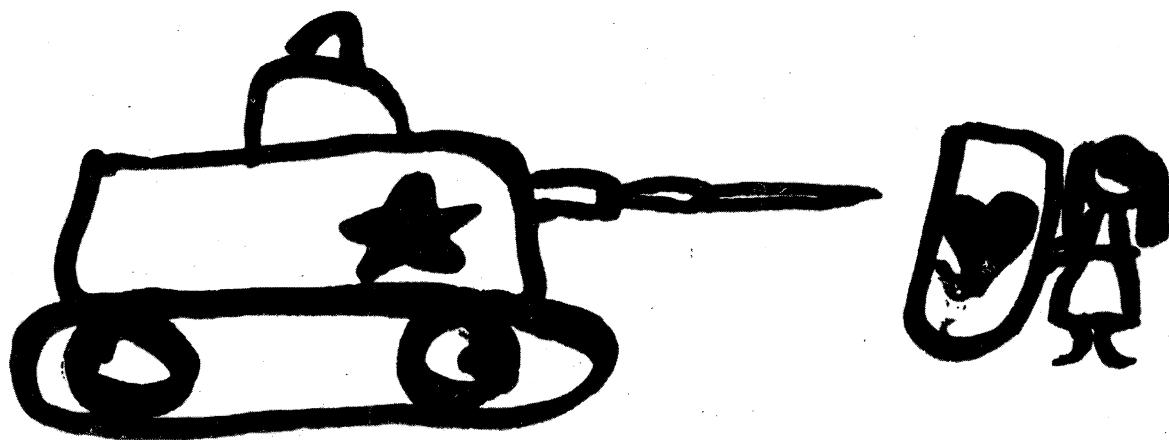
Tiros em Columbine, "pensamento por tíquetes", morte, Adorno, Guimarães Rosa.

Um vão espanto, que se edifica sobre a mitificação da concretude do absurdo - aquele estado do Ser, do humano, demasiadamente humano que Nietzsche dissera - mimeticamente engendra um ego solitário, buscando sossego de um coração eivado pelas ruínas do medo. Um estado de espírito, fomentado por um mercado sem marcas, marcando indivíduos, individualmente, coletivos, que converte em lona, prego e beligerância qualquer manifestação humana, é o corolário de nossa excitante e atemorizada existência. Walter Benjamin já alertara, há um bom tempo, sobre a ebulição cortante do cosmo social moderno:

"Há um quadro de Klee que se chama Angelus Novus. Representa um anjo que parece querer afastar-se de algo que ele encara fixamente. Seus olhos estão escancarados, sua boca dilatada, suas asas abertas. O anjo da história deve ter esse aspecto. Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a

nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos progresso" (Benjamin, 1987, p.226).

A sociedade moderna não é só tempestade - parece-me que pessoas, com um mínimo de sensatez, autenticam esse postulado -, contrariamente, é convulsiva, é uma fusão de incoerências potencialmente explosivas ao progresso, assim como, à hecatombe. Seu fogo, embora não adestrado, cintila em convergência com um romance, e, por fim, dialeticamente, se potencializa em um baile promíscuo. Mesmo que muitos assim não a vejam, a realidade não é homogênea, nem está fadada à castração iluminista e cartesiana, haja vista o grave defeito de fabricação do mundo, parafraseando Brecht, que é seus homens, aquelas bestas - em um sentido irô-



nico - que são condicionadas por *pathos* e não só por *logos*. Há humanos - por certo, não?

A previsibilidade do mundo administrado é tão falaciosa, quanto *o fim da história*; assim como, os universais valores morais e sociais que se, enfadonhamente, auto-proclamam eternos. Esses belos - e tão necessários!, cabe ressaltar - postulados universais - a liberdade, a igualdade, a harmonia e os etcéteras ocidentais - como Tocqueville alertara, são valores que necessitam de uma constante vigilância, uma constante obrigatoriedade, um incessante comprometimento das *bestas humanóides*, para sua real existência; caso contrário, se limitaram a um conjunto de leis abstratas e recônditas, inertes no vácuo. Somos modernos e, às vezes, nos convertemos em fortes réus ingênuos, circunscritos em sociedades anedoticamente alagadas em pântanos calculistas, que se mostram inaptos da capacidade reflexiva individual e do incessante comprometimento que fiz alusão com Tocqueville. No frigidar dos ovos, somos alguns amontoados de indivíduos atômicos, devotos ao imediatismo e condenados às nossas próprias contradições - tudo se converte em uma espécie de agora *irrefletido*, em um estado de excessivo inchamento da esfera *privativa*.

Nas palavras de Adorno, "a indústria cultural realizou maldosamente o homem como ser genérico. Cada um é somente aquilo mediante o que pode substituir todos os outros: ele é fungível, ele é mero exemplar" (Adorno, 1985, p. 136). A sociedade pântano-calculista, a sociedade industrial-cultural, a sociedade estadunidense, a sociedade moderna ocidental, a nossa sociedade, induz a uma individualização homogeneizante e a um corolário perverso: a subjetividade falsa, a universalidade da total adaptação. Dito de forma distinta, o sujeito contemporâneo murmura com suas faculdades psíquicas, isto é, como um *mero exemplar*, no lugar de interiorizar normas, refleti-las e dinamizarem-nas subjetivamente, os indivíduos murmuram, adotam uma identificação pronta e imediata a uma série de valores estereotipados - os indivíduos massificados com seus "pensamentos por tíquetes". O "pensamento por tíquetes", na proposição adorniana, equivale-se a um conjunto de pontos ideológicos organizados em carnês, em blocos; um indivíduo ao afirmativamente aderir um tíquete, adere, irrefletidamente, a todos os outros constantes no carnê. Enfim, um acolhimento, sem reflexão, de *pacote de valores*, que engendra um estado em que não há a menor preocupação com o conteúdo, com as substâncias dos fenômenos. Não se trata de verdadeira escolha - num sentido liberal - mas somente um imperativo de sobrevivência, de conservação, de adaptação, semelhante à escolha de um produto. Um sapato sem sola!?

Como dissera Adorno, "quem dá uma chance qualquer ao fascismo subscreeve automaticamente o resto" (ibidem, p. 187). "A escolha do tíquete comunista ou do fascista depende da impressão que o exército vermelho ou os laborató-

rios do Ocidente deixam no indivíduo. A reificação, graças à qual a estrutura de poder, possibilitada apenas pela passividade das massas, aparece às próprias massas como uma realidade indestrutível, tornou-se uma aparência petrificada como a realidade a que se prolonga a perder de vista graças a esta adaptação" (ibidem, p. 191). Senão vejamos.

O que se vê? Ecos. Um mundo cego ao sofrimento parece nos reger, assim como nós o regemos. Glorificando a contínua e instigante instituição do mercado, esquecemo-nos de qualquer telos. Uma espécie de amor-ódio impregna a modernidade hipocondríaca. Como, também, Adorno nos diz: "O olhar fixado na desgraça tem algo da fascinação. Mas também algo de uma secreta cumplicidade. A má consciência social latente em todos os que participam da injustiça e o ódio pela vida realizada são tão fortes que, em situações críticas, eles se voltam imediatamente contra o interesse do próprio indivíduo como uma vingança imanente" (ibidem, p. 215). Ou em palavras mais precisas, "o que é decisivo é que a destruição biológica foi acolhida conscientemente na vontade social. Só uma humanidade à qual a morte tornou-se tão indiferente quanto seus membros, uma humanidade que morreu para si mesma, pode infligi-la administrativamente a incontáveis indivíduos" (ibidem, *grifo meu*).

Os torrenciais *tiros em Columbine* representam o quê, senão essa subjetividade falsa, essa irreflexibilidade dos indivíduos, esse cálculo egocêntrico, essa incapacidade de se ater com o outro? Parece-me um estado social - e não uma sociedade, cabe salientar, posto que não consigo ignorar a multiplicidade de um país e de seus homens, restringindo a completude a um todo homogêneo, ou seja, generalizar meramente através de uma cegueira dogmática - de matéria bruta, isto é, um estado social sem qualquer capacidade de dialogia, sem pessoas autônomas, o mundo irremediavelmente voltado ao onanismo egocêntrico. Somente para enfatizar, novamente, trata-se um *estado social*, não de um *mundo administrado* - talvez, a sutil cela *weberiana* em seu estado larvário?

Tiros em Columbine, o documentário, caracteriza-se por uma clarificante visão dos apuros e da adesão sem reflexão ao bloco de valores mais soberbos da contemporaneidade ocidental - e não só estadunidense. Uma retratação do episódio sintomático da atualidade dita moderna, cuja análise sobriamente ultrapassa o engodo maniqueísta dos "analistas". Olhos voltados à dinâmica concreta da sociedade, rechaçando os cômodos clichês das explicações e justificações em voga, em louvor da valorização de uma visão que reconhece a pluralidade de condicionantes, que evidencia o caráter ruminante da análise - enfim, o caráter não acabado da explicação, sempre susceptível à dinâmica da realidade no qual se baseia. Em exemplo: a contraposição às teses que buscam justificar a barbárie ocorrida através de meras questões econômicas ou culturais, isto é, buscar mecanicamente nos índi-

ces econômicos de uma conjuntura ou na história de um país um quadro de chavões para explicar o belicismo *ocidental*; o realce ao estado de medo, amplamente fomentado por instituições e pela própria sociedade - o estado de natureza; a desmistificação da alegação da legalidade do uso de armas, somente pelo caráter constitucional; a precisa ligação entre a indústria do medo e a indústria armamentista; a valoração de aspectos sócio-culturais e políticos na explicação, entretanto de forma mais conjectural, ou seja, reconhecendo que tais não são os únicos elementos fomentadores desse processo, não se constituem como os primordiais e nem são vistos por uma análise cartesiana retilínea.

Acrescento à interpretação (se é que realmente se constituirá como relevante?): os indivíduos domesticados e sem subjetividade, a sociedade míope ao sofrimento letárgico, o calculismo frio, a guerra das corporações pelas mentes encarceradas, a apodíctica certeza da incerteza, *a morte sob a ótica da indiferença* - enfim o ocidente náufrago em suas próprias lágrimas.

Conjuntamente a tudo isso, uma instância política fundamentalista, que há duas, ou três, décadas se mostra herdeira da filosofia de Leo Strauss. Aquele conjunto de idéias que postula que os verdadeiros valores do conhecimento e da moral só são assimiláveis por uma elite; para o filósofo, fazendo eco a uma potente tradição do pensamento ocidental, só uma elite virtuosa pode - e deve - obter o real conhecimento, caso contrário o mundo se irrompe em um potencial nihilismo. Enfim, uma legitimação robusta e requintada para o retorno de um estado de barbárie, controlado por meia dúzia de administradores, sustentados pelas estruturas econômi-

cas, administrativas e pela grande quantidade de indivíduos sem subjetividades. Para quem acha que isso - a caracterização que estou dando à instância política norte-americana - é mera fraseologia ou invenções de minha parte, recomendo a leitura de Noam Chomsky, *Novas e Velhas Ordens Mundiais* (Editora Página Aberta, Scritta, 1996).

Por fim, deliberadamente não quero me deter ao documentário "*Tiros em Columbine*", alternativamente tento esboçar, de forma um tanto quanto sumária, alguns elementos que me parecem importantes salientar - ignoro, aqui, quaisquer críticas técnicas e estéticas referentes ao documentário. Na verdade, tal silenciamento, referente ao documentário, constitui-se uma estratégia textual de minha parte, visto que tenho uma relação um tanto quanto permeada de escrúpulos com obras artísticas; isto é, acredito que qualquer *forma de discurso* - em um sentido foucaultiano - fala por si só, e minhas posteriores palavras sobre o mesmo redundam em interpretativismos, limitantes da riqueza vigente em tal empreendimento. Embora o caráter documentar de "*Tiros em Columbine*", simultaneamente o mesmo está penetrado por elementos sublimes, poéticos e letárgicos, o que lhe confere um *status* artístico. Desta forma, minha explanação sobre o mesmo foi abortada por meus próprios receios frente à obra.

É como diria Foucault, pelo princípio do comentário (o que na verdade se constitui esse texto), a multiplicidade aberta de um discurso, de uma obra, com seus imprevistos, poderes e perigos, é transferida daquilo que corria risco de ser dito para as máscaras dos comentários - o comentário é, por natureza, a circunstância da repetição, do retorno; é, por natureza, um



princípio de rarefação, de limitação, dos discursos, por atenuar os poderes múltiplos de um discurso aberto. Por fim, acredito que os esboços realizados por mim, neste atual, só têm sentido em complementaridade ao documentário supracitado; ou seja, os pontos que algo, sumariamente neste texto, somente edificam-se, ou melhor, apenas corporificam-se com o alicerce oferecido por "Tiros em Columbine" e seu caráter artístico e documentar. Por assim dizer, reconheço que, em algum grau, esse texto efetiva a rarefação do discurso, do documentário, conforme dito acima; embora uma rarefação admitida, que não visa a pretensão de esgotar o caráter do documentário *enquanto uma visão inicial*.

Somente para concluir, uma vez Nietzsche mostrara o caráter sublime existentes no "estado dionisíaco" de percepção do mundo - aquele estado permeado por ilusões e representações lúdicas.

"o homem dionisíaco tem semelhança com Hamlet: ambos lançaram uma vez um olhar verdadeiro na essência das coisas, conheceram, e repugna-lhes agir; pois sua ação não pode alterar nada na essência eterna das coisas, eles sentem como ridículos ou humilhantes esperar deles que recomponham o mundo que saiu dos gonzos. O conhecimento mata o agir, o agir requer que se esteja envolto no véu da ilusão" (Nietzsche, 1983, p.9).

Nossa sociedade decrepita, com seu racionalismo autista, não consegue fomentar um estado social, em que se vigore um sonho antigo dos humanóides: o reencontro do *Ser* com o *Ser*. Um retorno ao estado dionisíaco não se constitui a solução - não há retorno ahistórico - longe disso, mas bons ensinamentos nele se pode buscar. Um bom começo é a desistência do caminho suicida em que se caminha a humanidade; a morte necessita de véus e fantasias, precisa irremediavelmente do sublime - não sendo algo ordinário, não se caracteriza como supérflua. Conforme as célebres palavras do Mestre Guimarães Rosa: *o mundo é mágico, as pessoas não morrem, ficam encantadas*. (Rosa, 1983, p. 457) Ou em uma metáfora, ainda mais bela, do escritor - *o sangue fede, todo sangue, fedor triste* (Rosa, 1965, p.11-12). Majestosamente triste!

A esquizofrenia é pulsante, e de igual modo merece atenção - merece mais do que as explicações da moda. Estamos, todos, solitários em nossas bolhas de ácido, que nos corroem gradativa e milimetricamente. Ao *Reich-Ego* - é o que nos resta? Aguardemos a história e, talvez, quicá, não concordemos com Walter Benjamin: *nunca houve um monumento da cultura que não fosse também um monumento da barbárie* (Benjamin, 1987, p.225).

Referências Bibliográficas

- ADORNO, Theodor W. e HORKHEIMER, Max. (1985), *A dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.
- ADORNO, Theodor W. (1995), "Educação Após Auschwitz", in: *Palavras e sinais*. Petrópolis: Vozes.
- BENJAMIN, Walter. (1987), "*Sobre o Conceito de História*", in: *Obras Escolhidas: Magia Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Editora Brasiliense.
- CHOMSKY, Noam. (1996), *Novas e Velhas Ordens Mundiais*. São Paulo: Editora Página Aberta, Scritta.
- FOUCAULT, Michel. (1996), *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Loyola.
- NIETZSCHE, Friedrich (1983). "O nascimento da tragédia no espírito da música", in: *Os pensadores*. 3ª edição, São Paulo: Editora Abril.
- ROSA, João G. (1965), *Noites do Sertão*. Rio de Janeiro: Livraria Jose Olympio Editora.
- TOCQUEVILLE, Alexis de (1962). *A democracia na América*. Belo Horizonte: Itatiaia.
- ROSA, João G. (1983). "O Verbo e o Logos", in Rosa, Velma G. Relem Bramentos: João Guimarães Rosa, meu pai. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.